

PERCEPÇÃO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE ESPAÇOS RESIDENCIAIS

Joaquim Sampaio (joaquimsampaio2010@hotmail.com), Teresa Sá Marques (teresasamarques@gmail.com)

Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Esta comunicação enquadra-se numa investigação sobre a construção simbólica de determinados espaços residenciais, entendidos simultaneamente como espaços físicos, espaços concebidos e espaços vividos, de acordo com a visão dialéctica do espaço. Neste momento, pretende-se fazer uma abordagem dos discursos que acompanham dois tipos de narrativas na produção e uso de espaços residenciais: por um lado, a oferta, associada a um marketing e uma publicidade que apelam a “novos” imaginários, e, por outro lado, a procura, que demonstra “novas” formas de vivencialidade residencial. Da oferta, pretende-se demonstrar a construção simbólica a partir do marketing e da publicidade ao apresentarem a “casa de sonho” recorrendo a textualidades oníricas, das percepções, da memória e do espaço vivido. Neste âmbito, na promoção do espaço residencial assiste-se a uma “resortização” que inclui elementos de

“desrotinização” do espaço quotidiano, traduzindo-se em novas formas de o vivenciar. Do lado dos residentes, pretende-se demonstrar que têm sido desenvolvidas novas percepções, novas estratégias de apropriação do espaço adaptadas a este início de século que, em determinados casos, incentivam relações de vizinhança e a valorização do espaço das “nossas” casas, num retorno ao mito da comunidade residencial enquanto espaço vivido, numa lógica de comprometimento dos moradores, em que “a empatia mais forte é aquela que une os indivíduos em torno de uma mesma percepção do espaço habitacional que partilham”. Em suma, a construção simbólica destes espaços residenciais baseia-se em vivências, na memória, na valorização estética do espaço, em percepções, modelos mentais que se reflectem em mudanças paradigmáticas dos discursos em análise.

INTRODUÇÃO

Tem sido anunciado repetidamente que a cidade modernista faliu [20]. Orientada por uma visão teleológica racionalista e arbitrada por um Estado formalista, esta cidade demonstrou que as partes não se traduziram em eficácia nem em eficiência do todo. O *zoning* funcionalista das partes habitação, lazer, trabalho e circulação [24] e o racionalismo técnico dos processos de decisão do poder político e da administração pública conduziram à produção de uma cidade com fragilidades e estrangulamentos económicos, sociais, culturais e ambientais. O encantamento pelo primado do *homo economicus* e dos seus modelos na construção do projecto utópico dos modernistas não conseguiu disfarçar as suas contradições, desconstruídas pelos pós-modernistas ao considerarem a complexidade da realidade territorial, a qual é analisada, actualmente, numa perspectiva que atende em conjunto às problemáticas da coesão social, da competitividade e da sustentabilidade [28].

A cidade modernista, mais centrada na “limpeza” técnica dos projectos urbanísticos do que nas pessoas e na sua apropriação territorial com as suas construções sociais e culturais, repletas de imaginários e simbolismos, levando James Holston a falar de «cidade desfamiliarizada» e de «morte da rua» [20], é a negação da cidade complexa, ou seja, é a negação da própria cidade.

As propostas de uma “boa cidade” [22] têm sido preocupação de muitos, num experimentalismo sem precedentes, em busca de “boas soluções” para aí se viver, perseguindo, talvez, uma ideia de paraíso perdido, de éden confortador onde reina a harmonia, numa fuga da realidade, que, por isso mesmo, se procura encontrar fora desta, numa metáfora da hiper-realidade [5-13], segundo modelos *disneyficados* [44], tal como acontece em condomínios fechados, hiperbolizados em versões *resortificadas*. [37].

Pelo menos nalguns casos marcantes do urbanismo da sociedade industrial e pós-industrial, a busca da “boa cidade” tem tentado representar a conciliação do melhor de dois mundos aparentemente de costas voltadas – o campo e a cidade –, duas faces de uma mesma moeda que por assim serem parece que não se conseguem encontrar. A este nível, os discursos dominantes para encontrar tal cidade têm sido mais em torno das coisas: do verde, do ar não poluído, das formas. E as pessoas? Elas estão lá. Mas como? Para usarmos uma metáfora usada por Isabel Guerra sobre residir na cidade, nomeadamente em bairros sociais, “as pessoas não são coisas que se ponham em gavetas” [18].

Este artigo insere-se numa investigação em curso sobre espaços residenciais, da qual resultará uma publicação final, dando-se agora conta de uma parte. A nossa abordagem da cidade e, mais concretamente, de espaços residenciais também persegue um ideal. As coisas são importantes, na medida em que fazem parte do universo de relações que o ser humano estabelece, mas o centro da reflexão está nas pessoas, exactamente na aceção filosófica da expressão ser-se pessoa, considerando um ser humano completo, com todo o seu universo interior,

com consciência do seu eu e do mundo. Assim, olhar para a cidade deve negar qualquer perspectiva parcial do ser humano, seja ela a de *homo economicus* ou qualquer outra, no sentido em que os fenómenos socioespaciais resultam da complexidade dos sujeitos.

UMA GEOGRAFIA DA PERCEPÇÃO E DO SIMBÓLICO

As práticas de um grupo inscrevem-se em experiências particulares do dia-a-dia, pela frequência, pelas solidariedades e lutas que organizam o espaço, tal como Michel de Certeau apresenta em *L'Invention du quotidien*, na importância das pessoas e de cada pessoa, de um discurso comum, feito por pessoas comuns, que fazem uma “cultura muito comum” [11]. Nesta forma de se olhar para a sociedade, para os sujeitos construtores do espaço, muda a perspectiva de análise relativamente a outras abordagens. Contudo, iremos ver que os processos de produção simbólica de espaços residenciais se fazem para além do que este autor defende.

Numa época fortemente marcada pela globalização dos processos, pela compressão espaço-temporal a que David Harvey se refere [19], as pessoas parecem “perder escala” no mundo dos *ratings* e dos *eurobonds*. Contudo, há sinais que mostram um movimento contrário, afirmando o local, nem sempre ausentes de revivalismos mais ou menos preocupados com a “autenticidade” de um espaço perdido no tempo de quem não superou o luto. Neste momento, interessa-nos ver as expressões de afirmação de um quotidiano e de uma maneira de viver que dá título a este artigo: percepção e construção simbólica de espaços residenciais.

Subjectividade, percepção e espaço vivido

Começando pelo dicionário. “Percepção: que se percebe; tomada de conhecimento sensorial de objectos ou de acontecimentos exteriores; resultado ou dados da percepção; noção; conhecimento” [12]. A psicologia é, talvez, a ciência que mais tem trabalhado a questão da percepção. As conchas de Moles e Rhomer, apresentadas por estes autores em *Psychologie de l'espace* e popularizadas por Armand Frémont, são um clássico na percepção do espaço geográfico [17].

Dentro da psicologia, a psicologia social, a psicologia cultural ou a psicologia étnica têm desenvolvido estudos importantes para o conhecimento dos territórios, mas não podemos esquecer os recentes contributos das neurociências e da sua relação com as aprendizagens, com o comportamento, com o processamento da informação e da linguagem.

A percepção é um processo que envolve o reconhecimento e interpretação de estímulos registados pelos nossos sentidos, tratando-se, portanto, de uma função cerebral que nos permite contactar com o mundo. Não o mundo real em si mas o que resulta da interpretação de cada pessoa [36].

Não se consegue ter a percepção de um objecto sem se ter uma noção do que se está a perceber. Contudo, é um processo que pode apresentar vários níveis relativamente ao percebido: “It is impossible to perceive an object without having some notion or conception of that which we perceive. We may, indeed, conceive an object which we do not perceive; but, when we perceive the object, we must have some conception of it at the same time; and we have commonly a more clear and steady notion of the object while we perceive it, than we have from memory or imagination when it is not perceived. Yet, even perception, the notion which our sense give of the object may be more or less clear, more or less distinct, in all possible degrees” [33].

Antoinne Bailly e Hubert Beguin afirmam que o desenvolvimento científico assenta em representações, ou seja, sobre imagens da realidade recolhidas pelos nossos sentidos: “ce que nous en connaissons est une perception”. E acrescentam que “la perception dépend à la fois de l'objet perçu et de celui qui le perçoit, de ce qu'il est, de son idéologie, de son environnement. Sachons dès lors être prudents lorsque nous parlons de la «réalité» et de l'observation: nous ne la touchons pas immédiatement” [2].

Dentro das teorias da psicologia, a *Gestalt* considera que “qualquer que seja o conhecimento, opinião ou crença que o sujeito tem do ambiente, de si mesmo ou do comportamento de outra pessoa, ele começa sempre pela percepção”, determinada pela configuração do estímulo e pela capacidade mental de proceder à memorização [4]. Neste sentido, cada pessoa tem uma visão única do mundo, ou seja, “possui o seu próprio modelo, donde a realidade representa a noção que o indivíduo tem de si próprio no mundo e do seu conhecimento” [4].

A partir dos anos sessenta do século passado, após o apogeu da “dogmatização da ciência”, começou o “declínio e, portanto, o início de um movimento de desdogmatização da ciência que não cessou de se ampliar e aprofundar até aos nossos dias” [38]. A “dogmatização da ciência” a que Boaventura de Sousa Santos se refere fundamenta-se numa concepção de ciência na continuidade de uma “matematização galilaica da natureza”, que num debate teórico da época não permitiu que as críticas de Husserl impusessem a fenomenologia [21] como, para utilizar a terminologia de Thomas Kuhn, um novo paradigma científico [23].

Retomando a fenomenologia, Maurice Merleau-Ponty afirma: “a chaque instant aussi je rêve autour des choses, j’imagine des objets ou de personnes dont la présence ici n’est pas incompatible avec le contexte, et pourtant ils ne se mêlent pas au monde, ils son en avant du monde, sur le théâtre de l’imaginaire” [29], chamando a atenção para a importância de considerar a percepção e a subjectividade para compreender o mundo, ou antes, usando as suas palavras, juntando o subjectivismo e o objectivismo na noção de mundo ou da sua racionalidade, integrando a percepção e o mundo vivido do ser humano: “la plus importante acquisition de la phénoménologie est sans doute d’avoir joint l’extrême subjectivisme et l’extrême objectivisme dans sa notion du monde ou de la rationalité [29].

Este recentrar da ciência no ser humano, atendendo a todas as suas dimensões, leva Stephen Priest, a afirmar “if we wish to understand the world it is not enough to study the world. We have to study ourselves” [32], acrescentando também que “Merleau-Ponty is trying to do justice to subjectivity, the reality of one’s own existence, without commitment to Cartesian dualism” [32]. A crítica da fenomenologia à ciência explicativa, capaz de explicar o mundo objectivo mas incapaz de nos dizer o que quer que seja sobre a subjectividade humana, permitiu novas abordagens científicas, ancoradas num novo paradigma que considere diferentes formas de se olhar o mundo: “Humans are essentially subjective so science can tell us nothing about the essentially human [32].

Esta discussão conceptual, sobre a importância da fenomenologia ao introduzir a subjectividade na ciência, permite o enquadramento teórico a alguns autores da geografia humanista, tais como Tuan, Buttimer, Relph, Mercer e Powell [16]. Esta geografia trata-se de “un movimiento que destaca los aspectos humanos – antropocéntrica la denominan algunos – en lo que tiene de más específicamente «humano», es decir, los significados, valores, objetivos y propósitos de las acciones humanas. (...) Postula un enfoque globalizador y subjetivo, en el que la intuición vuelve a tener otra vez una función cognitiva” [10].

Um dos primeiros autores a fazer uma abordagem espacial a partir da percepção foi Yi-Fu Tuan, nome incontornável da geografia humanista. O que este autor propõe na sua obra *Topophilia, a study of environmental perception, attitudes and values* é um novo modelo científico para se estudar o mundo através da percepção, mostrando como os aspectos culturais e ambientais se combinam nas relações do ser humano com o meio que ocupa e como contribuem para a formação de atitudes e valores através de diferentes tipos de vivências que descrevem o carácter humano. É desta forma que Tuan acredita que se consegue entender melhor o mundo das pessoas: “people everywhere, I believe, also aspire toward contentment and joy. Environment, for them, is not just a resource base to be used or natural forces to adapt to, but also sources of assurance and pleasure, objects of profound attachment and love. In short, another key word for me, missing in many accounts of livelihood, is Topophilia” [42].

La région, espace vécu, de Armand Frémont, vem chamar a atenção para o modo como as pessoas se apropriam do território, rompendo também com o paradigma neopositivista, recorrendo à psicologia, à sociologia e à psicanálise. Como pergunta este autor, reflectindo sobre o desenvolvimento contemporâneo das ciências sociais, nomeadamente obras de Piaget, Marx, Freud ou Lévi-Strauss, “não poderá a geografia tirar também daí as suas vantagens?” É assim que, à luz da Psicologia, afirma: “as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades, se forma, se estrutura e se desfaz”. Sobre o espaço vivido diz ainda: “o homem não é um objecto neutro no interior da região [...]. Apreende desigualmente o espaço que o rodeia, emite juízos sobre os lugares, é retido ou atraído, consciente ou inconscientemente. [...] as transparências da racionalidade são perturbadas pelas inércias dos hábitos, as pulsões da afectividade, os conhecimentos da cultura, os fantasmas do inconsciente” [17].

Sobre o espaço vivido, Antoine Bailly e Hubert Beguin referem que ninguém pode conhecer do espaço o que não percebe: “entre l’espace qu’un homme cherche à connaître et lui-même s’interpose le filtre de sa propre personnalité (apprentissage, culture, psychologie...) et le filtre de son environnement (une barrière montagnaise, une forte densité de population...). L’image qu’il se fait de l’espace correspond en fait à un espace perçu. C’est elle qui guide ses décisions spatiales, choix de localisation et de déplacement par exemple” [2].

Para concluirmos esta parte referente ao pioneirismo de alguns autores marcantes na análise do espaço a partir da percepção, Kevin Lynch antecipou-se a Yi-Fu Tuan, a Armand Frémont e a muitos outros com a publicação da obra *The image of the city*, em 1960. Numa altura em que os estudos urbanos passaram a ocupar cada vez mais importância, Kevin Lynch mostra que a cidade está “impregnada de memórias e significações” e que não somos apenas observadores do espectáculo que nela decorre mas também somos elementos participantes “num mesmo palco” [27]. Assim, a imagem mental que os cidadãos têm da cidade designa “a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente, [...] compreendida visualmente como uma estrutura de símbolos reconhecíveis”. É desta forma que este autor defende que “a legibilidade é crucial na estrutura citadina” [27].

Para todos estes autores, o espaço ganha novos significados. Recorrendo a Kant, por considerar que o espaço absoluto pode existir independentemente da matéria, Bailly e Beguin afirmam que o espaço em si é uma categoria sem substância: “il est un contenant et la substance est un contenu” [2]. No caso dos geógrafos humanistas, o espaço é entendido como não euclidiano, fazendo-se uma análise que se baseia na relação que os objectos ocupam no mundo a partir da consciência das pessoas. A este propósito, diz Entrikin que “to the humanist geographer existential space is a nongeometric space of human concern and involvement. Space represents an

intentional network which connects objects of concern with the intentional consciousness (egocentric space). Neste sentido, o espaço adquire significação e valor partilhado por um grupo, como por exemplo espaço de vizinhança e espaço nacional [16].

Em *Space and place*, Yi Fu Tuan defende que espaço é mais abstracto que lugar, e que o primeiro, que começa como elemento indiferenciado, transforma-se em lugar à medida que o vamos conhecendo e lhe atribuímos valor. Assim, é a criação e a apropriação do espaço que lhe confere sentido, transformando-o em lugar, e é por isso mesmo que o ser humano deve ser olhado não como um objecto: “The body is an “it”, and it is in space or takes up space. In contrast, when we use the terms “man” and “world”, we do not merely think of man as an object in the world, occupying a small part of its space, but also of man as inhabiting the world, commanding and creating it” [43].

Aqui, a distância usada é medida por conectividade emocional: “Distance in existential space is not measured in terms of miles, travel time, or cost, but rather in terms of the importance of a place as a center of meaning. The spatial connections of distance are meaningful connections. To be close to that person and not necessarily being close terms of a metric distance” [16].

Esta deslocação do centro de interesse do espaço para o lugar é assinalada por Horácio Capel quando diz que “el énfasis se traslada del espacio, un concepto abstracto, al lugar, el ámbito de la existencia real y de la experiencia vivida. [...] El lugar es, desde luego, concreto, único, y tiene un paisaje, que es esencialmente un paisaje cultural. Es un mundo que ha de ser experimentado e aprehendido en su totalidad de forma holística” [10].

Esta perspectiva confere ao lugar um cariz idiográfico. Todo o lugar é “um produto original com as suas características físicas, o seu meio social, político, económico e cultural. Todo o espaço torna-se então um espaço vivido por homens que vão desenvolver sentimentos de pertença e partilhar história, línguas, religião...” [3].

A assumpção de lugar identifica-se com o conceito de lugar antropológico, no sentido que Marc Augé lhe confere, quando refere que o lugar é precisamente “o que ocupam os indígenas que aí vivem, que aí trabalham, que o defendem, marcam os seus pontos fortes, vigiam as suas fronteiras, mas nele detectam também o traço das potências ctónicas ou celestes, dos antepassados ou dos espíritos que povoam e animam a sua geografia íntima, como se o pequeno pedaço de humanidade que lhes endereça nesse lugar oferendas e sacrifícios fosse também a quintessência daquela, como se não houvesse humanidade digna desse nome a não ser nesse mesmo lugar do culto que lhes é consagrado” [1].

Construção simbólica do lugar

O lugar apresenta uma expressão geográfica que confere significações diferenciadas. Na construção do lugar participam as aprendizagens e a humanidade do quotidiano. Na vivência do lugar, a interpretação da informação processada só pode ser feita em função do que já conhecemos e a organização da informação disponível é integrada numa categoria significativa para a pessoa. Assim se dá a formação de impressões e a construção da memória [9].

O lugar concretiza-se pelas suas dimensões material, simbólica e funcional [30], estando sujeito a múltiplas interpretações, sendo o produto de múltiplos processos de construção, reconhecendo múltiplas racionalidades e diversas formas de viver. O lugar é o palco das manifestações individuais e colectivas, e é nele e com ele que se criam laços de apropriação, de significações materiais e imateriais, concretas e imaginadas, que no conjunto constituem uma realidade simbólica.

Os antropólogos ajudam-nos a compreender a construção simbólica dos lugares, através das significações dos mitos, arquétipos e repetições simbólicas, mostrando que os rituais estão associados a actos de natureza mágica. Assim, na construção simbólica, a realidade transmuta-se para uma dimensão sagrada.

Segundo Lévi-Strauss, os mitos encerram uma estrutura produtora de significados essenciais para a compreensão da natureza humana, onde se inclui a apropriação do espaço [26].

Em Eliade, a sacralização das vivências – considerando o espaço, os lugares, os centros – só é possível graças à sua participação no símbolo. Defende então como condição *sine qua non* para a estruturação de um mito a presença coerente de vários símbolos que, de uma forma conjunta e individual, permitirão a revelação do sagrado e do mágico-religioso. É nesta coerência que vamos encontrar o rito, o mito e a forma divina da representação da realidade. Na continuidade desta assumpção, o símbolo reveste-se de uma função unificadora, não só na experiência mágico-religiosa do homem, mas também na sua experiência total enquanto ser humano – na sua relação com os outros, na construção de uma identidade social. Por conseguinte, um símbolo revela sempre a unidade fundamental das várias dimensões do real. Geram-se diferentes planos e zonas bio-antropo-cósmicas que possibilitam uma leitura coerente e unificadora das manifestações culturais de um determinado grupo. Os mitos e ritos incorporam significações explicativas da origem de lugar, da sacralização de um determinado elemento da natureza, dos ciclos agrícolas, da vida reprodutiva... A estruturação simbólica da realidade triangula-se num plano onde se manifestam as hierofanias, que se revelam na qualidade de símbolos categorizados de forma coerente, organizados de acordo com a sua funcionalidade unificadora, a qual obedece a uma lógica própria, ou seja, a da sistematização assente numa matriz mágico-religiosa [14].

O simbólico realiza a solidariedade permanente do homem com a sacralidade. Relativamente à apropriação do espaço, cada habitação é um “centro do mundo” porque, de uma maneira ou de outra, reproduz o “centro”, que reflecte a nostalgia do “paraíso”, o desejo de se achar numa zona sagrada por excelência. A construção simbólica denuncia a necessidade que o homem tem de prolongar até ao infinito a hierofanização do mundo [14].

Norbert Elias entende que o estudo dos mitos e ritos não pode visar somente a explicação da coesão social, pois o simbólico transcende este tipo de análise, devendo equacionar-se como teoria explicativa das vivências do homem, baseada em modelos multidimensionais das sociedades humanas para fazer face à evidência empírica, na medida em que a relação entre os símbolos e os objectos que representam não é necessariamente idêntica em todos os casos porque valida a importância das emoções presentes no processo de simbolização. Esta postura conceptual coloca o simbólico nos constructos e na metalinguagem da linguística, da sociologia, da semiologia e da antropologia cultural [15].

Para Pierre Bourdieu, a questão simbólica encontra-se relacionada com a reprodução social, entendendo que a “cultura” depende do sistema social produzido. A proposta deste autor parte do princípio que os sistemas simbólicos são manifestações sociais que permitem uma interpretação do mundo, existentes em condições desiguais, produzindo e reproduzindo formas de dominação, conduzindo a diferenças sociais, o que leva o autor a falar em “distinção”, “poder simbólico”, “habitus”, “campo”, “dominação” e “reprodução”. Assim, os sistemas simbólicos transportam consigo cargas ideológicas que se traduzem em poder, estando na base das lutas entre classes sociais [6-7].

Recuperando o pensamento epistemológico de Elias sobre a multidimensionalidade dos fenómenos socioculturais, fazendo convergir diferentes áreas científicas na estruturação de explicações científicas, as questões da linguagem têm merecido acurada atenção por parte dos cientistas sociais. Desde Ferdinand Saussure, com o seu *Curso geral de linguística*, que a palavra se envolveu de centralidade na (des)construção de significados, significações e simbolismos dinâmicos na explicitação de determinados fenómenos culturais.

A plasticidade dos sentidos reflecte-se na forma como se compreende aquilo que se grafa, ouve, vê e se ilustra. Os sujeitos perdem um carácter passivo perante a interpretação do meio envolvente, adquirindo força, vontade e acção interventiva face às narrativas da vida, sejam elas no campo da literatura, da pintura, da música ou de outros momentos de fruição sociocultural. Este hemisfério conceptual, referente ao leitor, conduz o indivíduo ao papel de actante frente ao mundo em que se insere, necessitando assim de recorrer a mecanismos de compreensão de si, do outro e das geometrias de vida em que se planifica. Ricoeur propõe, no sentido de valorizar a subjectividade humana, um novo conjunto epistemológico, assente na interpretação do signo enquanto entidade repleta de significados, significantes, significações e de simbolismos. A produção de sentidos vários, ou seja, a vida polissémica dada por factores endógenos e exógenos aos semas, envolve os sujeitos numa interacção processual com os outros e com o mundo, transformando e transmutando a realidade dos universos culturais em que se estruturam [34].

Segundo Ricoeur, a interpretação do ser entronca expressividade nos seus múltiplos significados, logo só será compreendido por via da interdisciplinaridade, destacando-se como instrumento de análise a linguagem, não somente na exclusividade do sentido literal, mas, sobretudo, na emergência de novas sinergias semânticas, fluidez simbólica ou nos operadores metafóricos, estilísticos inscritos nos diferentes enunciados. Nas suas obras *La métaphore vive* e *Temps et récit*, a metáfora investe-se de um poder capaz de modificar a compreensão do significado das palavras, introduzindo mudança e novos processos semânticos de compreensão de vida, das artes, do espaço, do tempo, do simbólico, concluindo, da cultura. Compreender este eixo vivencial é, concomitantemente, percorrer uma aventura pelo dinamismo da linguagem e pelo valor unificador da semântica metafórica. Este autor configura então os sujeitos como seres portadores e produtores de determinadas sequências simbólicas, as quais apresentam uma validade subjectiva e interpretativa para todos os fenómenos que o rodeiam – situação inerente à própria condição de humanidade (ser humano, ser bio-sócio-cultural [34-35]).

Esta realidade poderá ser mobilizada para a concepção e apropriação do espaço, paisagem..., em que a realidade do habitante ou do visitante é “construída”, interpretada em conformidade com o seu código cultural imbuído de signos, significações, simbolismos ou de narrativas metafóricas em simbiose com intertextualidades, amálgamas icónicas e vivências sociais. É neste plano de critérios (segundo a metodologia da criteriologia de Ricoeur) que os sujeitos edificam a sua “realidade”, provocando rupturas, conscientes ou inconscientes, com o que lhe é apresentado como sendo “o real”, que conferem às denotações sentidos conotativos e, consequentemente, provocam mudanças, tendências, modas e (des)elitismos.

Pensar o planeamento e o urbanismo será exercício que convocará também esta dialéctica entre a compreensão subjectiva (“o real” compreendido pela energia das metáforas e do simbólico) e a explicação objectiva (norteada pela razão comunicacional dada pela ciência) da realidade.

PERCEPÇÃO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DE ESPAÇOS RESIDENCIAIS

O lado da oferta

Para demonstrar que do lado da oferta há uma produção simbólica dos espaços residenciais a partir das percepções e traduzida em narrativas que reflectem a apropriação social e cultural dos grupos, seleccionámos vinte empreendimentos residenciais. Estes vinte casos permitem um estudo exploratório de uma investigação mais abrangente em curso, do qual faz parte uma amostra mais significativa. A recolha de dados baseou-se na publicidade que as empresas fazem na internet. A pesquisa foi feita a partir do Google, com a busca “empreendimentos”, e o método de selecção só atendeu a páginas de Portugal. Foram rejeitadas todas as páginas que não correspondiam a empreendimentos de residências para venda. Foram igualmente rejeitadas as que não mostrassem publicidade de empreendimentos residenciais na página de apresentação ou que aí não tivessem ligação directa ao pretendido. Páginas que exigissem busca optativa, por exemplo através de escolha por concelho, eram também eliminadas. Identificadas as páginas, no caso de haver publicidade a vários empreendimentos, a selecção recaiu sobre o primeiro que aparecesse, numa leitura de cima para baixo e da esquerda para a direita. Teve-se o cuidado de impedir repetições de casos, e a cada página só correspondia uma escolha. Cada caso foi numerado de um a vinte, de acordo com a ordem que apareceu na pesquisa, realizada entre 30 de Setembro último e 9 de Outubro. A partir das narrativas, procedeu-se à respectiva análise de conteúdo.

Com este método, garantiu-se, logo à partida, uma diversidade de empresas construtoras/mediadoras diversificadas, não dando, também aqui, lugar a repetições.

Foram ensaiadas várias entradas de busca no Google, umas mais generalistas, como por exemplo “comprar casa”, mas a listagem apresentava uma diversidade de situações que nada tinha a ver com a comercialização de edifícios ou conjuntos residenciais para venda. Outras buscas, mais direccionadas, por exemplo, “condomínios fechados” ou “resorts”, mostravam narrativas pouco diversificadas entre os vários empreendimentos, de onde resultariam leituras de concepção e apropriação do espaço menos representativas da realidade.

No caso dos condomínios fechados e, sobretudo, dos resorts, as significações, simbolismos e narrativas metafóricas encontram-se muito “coladas” à construção de paisagens paraíso [37], oferecendo representações e textos de sonho à medida dos consumidores, marcados por projectos de autor, criando “novas” lógicas de apropriação territorial, exprimindo identidades e pertenças que reproduzem modelos culturais elitistas, construindo hiper-realidades que geram imaginários próximos de espaços de lazer, com promessas de sonhos e de felicidade paradisíaca, no sentido do jardim do éden original, “árvore da vida”, arquétipo de longevidade e purificação, de segurança e harmonia, criando, tal como no hipertexto, uma hiperligação entre as realidades do tempo de trabalho e do tempo de lazer. Um bom exemplo deste tipo de paisagem paraíso pode ser notado num texto promocional do resort Éden, em Albufeira:

O que é o Éden? Um lugar no Céu distante que só os anjos podem alcançar, ou um sítio especial na Terra com tudo o que se possa imaginar? Quem acha que isso é o paraíso, tem os pés bem assentes no Algarve, o lugar preferido do sol onde todos os dias do ano sabem a férias. Albufeira é... como dizer, o “ex-libris” turístico do Algarve, cheio de emoções. A poucos minutos do centro fica o céu na Terra, um lugar luxuoso, recheado de felicidade plena. Aqui, tudo é especial, as casas, os espaços verdes, os jardins, piscinas, recantos e detalhes sublimes que nos fazem sentir realmente no paraíso. Éden Resort é um sítio mágico onde as casas são da paisagem, como se tivessem nascido de sementes. Dentro delas não falta nada. É como se alguém nos desse tudo o que queremos sem termos de pedir nada! É como se alguém adivinhasse os desejos de todos, e todos eles se tornassem realidade! Este é o tal sítio especial na Terra onde pode viver tudo o que imaginou sobre o paraíso. Éden Resort, Céu na Terra! (www.edenresort.net/pt-pt/resort).

A amostra obtida através da busca “empreendimentos” apresenta diferentes tipos construtivos, propriedade horizontal, residências unifamiliares isoladas e em banda, condomínios fechados, que oscilam entre o T0 e o T4. Da mesma forma, a amostra caiu sobre uma elevada variedade de concelhos, compreendendo-se perfeitamente a multiplicação de casos em Lisboa, Porto e Seixal, devido às dinâmicas de construção metropolitanas.

Quadro 1 – Distribuição dos empreendimentos por concelhos

Concelho	Nº	Concelho	Nº
Lisboa	4	Coimbra	1
Porto	3	Maia	1
Seixal	2	Santa M ^a da Feira	1
Alcúcutim	1	Silves	1
Arcos de Valdevez	1	Vila do Conde	1
Caminha	1	Quarteira (Vila Moura)	1
Cascais	1	Portalegre	1

Na análise de conteúdo, as categorias “Designação do empreendimento”, “Tipo de alojamento - apartamento ou moradia”, “Tipologia do alojamento - T0, T1, T2, T3 e T4” e “Localização” surgem em toda a amostra, com excepção da “tipologia” nos casos 9, 11 e 13. Poder-se-á dizer que estes aspectos correspondem a um núcleo duro da publicidade, uma espécie de Bilhete de Identidade, em que a narrativa é breve e, regra geral, objectiva. Apesar disto, apelam ao imaginário com expressões fortes, de acordo com o contexto em que são produzidos.

As designações dos empreendimentos são o rosto, a grande metáfora que pretende sintetizar a respectiva filosofia, umas vezes ligada a territórios com forte projecção social e ícones urbanísticos (por exemplo, *Espaço Tejo*, em Lisboa, no Parque das Nações), outras a apostarem numa linguagem internacional (*Townhouses*; *L’Orangerie*), ou numa imagem de prestígio do lugar (*Guincho Terrace*) são alguns exemplos que demonstram o cuidado das empresas de construção aí reflectirem os gostos dos consumidores, pretendendo estabelecer com eles forte empatia e identificação de um imaginário que por vezes se aproxima do sentido da paisagem paraíso.

Associada à informação objectiva sobre a tipologia ou a morada, acrescentam com frequência elementos conotativos: “ótima qualidade”, “amplos”, “em condomínio privado” (ou fechado), “arquitectura moderna”, “num dos mais privilegiados locais” ou “zona privilegiada”, entre outros.

Caso 5 – Este magnífico empreendimento está situado em Cascais numa zona privilegiada entre a montanha e o mar. Localizado num espaço único, longe da confusão e do stress dos centros urbanos, mas tão perto de tudo.

Caso 13 – [...] está situado numa zona privilegiada de Santa Maria da Feira usufruindo de excelentes acessos rodoviários, de plena centralidade.

Caso 20 – [...] em pleno coração da cidade invicta, [...] a sua localização é marcada pela sua centralidade.

As “Características interiores/acabamentos” estão presentes nas narrativas de todos os empreendimentos, as “Características construtivas dos edifícios” estão em catorze casos e as “Características exteriores do empreendimento” em treze. São aspectos centrais que podem decidir a compra do alojamento e, por isso, o vendedor apresenta muitas vezes um discurso técnico muito completo, apelativo, acompanhado de plantas, fotos, *maquetes* ou vídeos, destacando “materiais de qualidade”, “áreas amplas”, funcionalidades vantajosas e equipamentos e serviços de apoio. A avaliar pelo destaque que os promotores fazem, tendo em conta o detalhe da informação e a construção simbólica que pode ser feita a partir daí, este grupo de categorias será, porventura, um dos que melhor reflecte o mito da casa de sonho [41].

Das características construtivas dos edifícios ressaltam referências da estrutura (anti-sísmica, por exemplo), materiais de qualidade, arquitectura, áreas (amplas ou excelentes) funcionalidade dos espaços, garagens, portões automáticos, estética, isolamentos, painéis solares, elevadores e suas especificidades, acessos a pessoas com deficiência motora, número de moradias ou apartamentos.

Referente a “Acabamentos/características interiores” são valorizados aspectos relacionados com as cozinhas “totalmente equipadas”, os sistemas de aquecimento, de arrefecimento, de detecção e combate de incêndios e de aspiração, sistema centralizado de estores, portas (blindadas ou “de alta segurança”), casas de banho, pavimentos, tectos, paredes, iluminação, jardins e terraços privados, varandas e muitos outros aspectos que acompanham a inovação tecnológica e estimulam o imaginário dos consumidores. Esta categoria mostra claramente a construção simbólica das “casas de sonhos”, com a satisfação do consumidor que tem a possibilidade, por vezes duramente comprometedora, de pagar as “várias opções de acabamentos personalizados”, segundo a sua vontade, que privilegiam o “conforto e a durabilidade [...procurando] desenhar espaços harmoniosos de estética intemporal” [caso 19]. Ainda nesta categoria, há empreendimentos que relevam espaços comuns e de sociabilidade, demonstrando os sinais dos tempos e as exigências e valorizações simbólicas dos consumidores: “Existem três salas de condomínio com terraço preparadas para receber as suas festas e os seus amigos” [caso 11]; “um salão de festas que servirá para realizar festas de aniversário e outros eventos” [caso 14];

As características exteriores do empreendimento apelam imaginários centrados nos jardins (com referência clara à natureza), na segurança, na tranquilidade, nas áreas (amplas, no sentido de espaçosas), no comércio e nos serviços que disponibilizam. As características exteriores do alojamento incidem sobre a privacidade, o verde da natureza e as funcionalidades de piscina privativa, *barbecue*, terraços, solários e varandas. O jogo simbólico faz-se na sustentação de arquétipos de regresso à natureza e ao ar puro, da privacidade, do lazer, da família e da distinção social:

Caso 2 – Dotados de vastos espaços verdes, zona comercial de serviços e de lazer, na qual se inclui uma creche/infantário, restaurante, Health Club com piscinas, jardins privativos, [...] ténis, esplanada e salão de festas, [...] ciclovias no perímetro do conjunto habitacional;

Caso 5 – cada moradia tem uma piscina privativa, o condomínio está completamente rodeado por jardins muito agradáveis e murado para total segurança;

Caso 14 – um terreno totalmente vedado, com entrada para as viaturas, por via de uma entrada com portão eléctrico, sendo que permite grande segurança a todos os utilizadores e respectivas famílias, assim como às crianças que podem viver e brincar tranquilamente num espaço aberto e com toda a segurança;

Caso 15 – condomínio fechado de luxo [...] implantado numa área de 70 000 m², [...] piscina comum, [...] campo de golfe, [...] jardins comuns.

A “Proximidade de comércio e serviços” é assinalada por catorze casos estudados, o mesmo número que utiliza enunciados referentes a “Transportes e acessibilidades”, fazendo destas categorias das mais importantes na publicidade feita por estes empreendimentos. O uso do automóvel ou dos transportes públicos, a necessidade de garagens ou de facilidades de estacionamento, o fácil acesso a artérias importantes de escoamento de tráfego, os tempos curtos de deslocação, por um lado, e, por outro lado, a proximidade de serviços e comércio como escolas, hospitais, universidades, centros comerciais, hipermercados, centros desportivos, bombeiros, esquadras de polícia, salas de espectáculo, entre outros, são muito valorizados nalguns casos, proporcionando uma leitura do espaço do que poderá ser mais importante no quotidiano das pessoas, traduzindo ou talvez antecipando o que poderão vir a ser alguns aspectos dos mapas mentais e consequentes espaços vividos dos futuros moradores, a partir de percepções mais ou menos estereotipadas dos promotores, correspondendo, contudo, a determinadas versões da realidade. Vejamos os seguintes exemplos:

Caso 6 – [...] inúmeros bens e serviços que ocupam toda a envolvente... creches, escolas, primárias, secundárias e superiores, o Pavilhão dos Desportos, o estádio do Rio Ave F.C., bombeiros, esquadra de polícia, o projectado centro Hospitalar..., parques da cidade, tudo num raio inferior a 1,5 km;

Caso 10 – ampla oferta de espaços comerciais, culturais e de lazer, tais como, restaurantes, cinemas, salas de espectáculo, casino, jardins e centro comercial com hipermercado, garantem a comodidade e evitam grandes deslocações, [...] equipamentos hospitalares e escolares, [...] rede de transportes, nomeadamente, autocarros, metro, comboio e, também, o aeroporto, a cinco minutos;

Caso 16 – Hospital S. João a 5 minutos; Pólo Universitário a 6 minutos; C.C. Parque Nascente a 5 minutos; Supermercado a 1 minuto; Escolas a 2 minutos;

Caso 19 – excelentes acessos, quer ao centro de Lisboa quer às grandes artérias que unem as diferentes regiões do país, graças à proximidade do metropolitano e à recente requalificação dos principais eixos que o circundam.

A natureza e a paisagem oferecem, sem dúvida, um discurso importante na construção simbólica destes espaços residenciais, com excepção de quatro casos. As características locais mais ou menos romanescas, o idílico, o pitoresco, o sublime..., a paisagem paraíso, [37] mostram que os promotores assimilaram o discurso dominante da ecologia e da sociedade verde, já não só na alusão directa aos elementos, mas usando a metáfora da cultura literária para alcançar clientes de elites. Para além destes aspectos, a paisagem envolvente, natural ou cultural, é também lida sob a perspectiva da panorâmica e das vistas que os empreendimentos proporcionam. Estas categorias mostram que, em determinados casos, a oferta introduz elementos “desrotinizadores” do espaço do quotidiano, numa clara associação ao lazer. De qualquer forma, as significações associadas a estas narrativas encontram-se sempre num plano valorizado da paisagem, conferindo ao empreendimento uma localização privilegiada, traduzindo-se numa espacialidade distinta:

Caso 10 – citando Viagens na minha terra, de Almeida Garrett, As minhas janelas são as primeiras janelas de Lisboa, dão em cheio por todo esse Tejo;

Caso 3 – aproveitar, das árvores que se mantêm, a frescura da sua sombra, o sussurro das folhas e a calma que transpiram; [...] entre o verde dos jardins e o nu dos espaços livres, ficam as casas;

Caso 7 – [...] num pequeno outeiro da freguesia de Seixas, cuja localização é das mais belas da ribeira do Minho em virtude de se encontrar na confluência dos rios Minho e Coura, [...] tranquilidade e beleza dos recursos naturais da região proporcionam momentos inesquecíveis;

Caso 9 – Alcoutim [...] situa-se na margem direita do rio Guadiana, na encosta de um serro onde principia a serra Algarvia. Em frente, e tendo apenas o rio como fronteira, avista-se Sanlúcar do Guadiana na vizinha Espanha. [...] A sua paisagem singular, com o Rio Guadiana serpenteando as vilas ribeirinhas, dão-lhe um cariz nostálgico. [...] É assim Alcoutim, uma reserva turística para aqueles que são atraídos pelo pitoresco, pela natureza e pelas tradições. E é aí, a 30 metros do rio e da doca que podemos encontrar o privilegiado loteamento de nove magníficas moradias de três pisos.

Perto destas categorias paisagísticas estão as preocupações ambientais dos empreendimentos, ao anunciarem painéis solares, isolamentos térmicos e racionalização energética e de consumo de água. Alguns dão grande

ênfase a este assunto, apresentando tópicos destacados, como é exemplo o caso 19, considerando o tópico “ecologia”, onde diz:

Marcado por uma forte sensibilidade às questões ambientais, este empreendimento conjuga modernas tecnologias de climatização integrada e aquecimento de águas domésticas por energia solar com uma inteligente aplicação de materiais e técnica construtivas de controlo da térmica. Daí resulta uma maior eficiência energética (e a consequente redução do valor das facturas) e um maior conforto ambiental dentro dos espaços de habitação [...]. A preocupação com a eficiência energética do edifício está patente nas soluções e equipamentos utilizados bem como na sua classificação – nível A. Apartamentos dotados de excelentes isolamentos, revestidos com materiais de qualidade conferem a este empreendimento um sinónimo de Qualidade no melhor Bem-Estar.

Depois destas categorias principais surgem outras com apreciável destaque, relacionadas com a “Memória e história dos lugares” (sete empreendimentos), a “Segurança, sossego e tranquilidade” (onze empreendimentos), a “Confusão urbana e oposição campo/cidade” e as “relações de vizinhança” (onze empreendimentos). A publicidade tira partido destes imaginários, recorrendo à geografia das memórias, das afectividades e das emoções, a arquétipos da segurança da casa, a “conflitos” de percepção entre os mitos do campo idílico e da cidade turbulenta e a questões de vizinhança para produzirem narrativas que correspondam a conceitos residenciais que se traduzam em lucro. Vejamos os exemplos que se seguem:

Caso 17 – [...] reabilitação de edifício que é um marco histórico em Portalegre, datado de 1917, de arquitectura aristocrata; nasce da memória do que antes foi uma próspera empresa têxtil, integra o palacete da antiga fábrica originando um nobre e grandioso empreendimento na rua 1º de Maio;

Caso 10 – [...] a segurança é outro aspecto a destacar. As áreas comuns possuem câmaras de vigilância, colocadas estrategicamente, e todos os apartamentos têm porta de alta segurança e sistema de detecção de intrusão;

Caso 5 – “Localizado num espaço único, longe da confusão e do stress dos centros urbanos [...];

Caso 14 – A exclusividade de viver num condomínio fechado cria nos proprietários um espírito de união que provoca cuidados adicionais relativamente à vivência num prédio vulgar.

Há muitas outras narrativas repletas de simbolismo nos casos estudados: a referência a “arquitectos de renome”, os mapas de localização dos empreendimentos, as visitas virtuais, o *design*, a estética, o investimento enquanto produto financeiro, a utilização de línguas estrangeiras para exploração da página do promotor na *internet*, o lazer (questão importantíssima em determinados condomínios fechados/*resorts*), o paraíso, o conforto e bem-estar, a assistência pós-venda e muitas outras, onde não faltam as coordenadas de GPS, associadas a uma tecnologia relativamente recente que pode ter uma leitura funcionalista mas também de distinção social, e os preços dos alojamentos, de valores muito variáveis, mas é interessante verificar a visibilidade dada a alojamentos mais caros, por vezes com valores superiores a um milhão de euros, numa clara intenção de elitização.

A leitura simbólica que cada utilizador possa fazer dos anúncios dos empreendimentos estudados vai depender de vários factores que se relacionam necessariamente com o universo de cada um, do qual fazem parte expectativas. Contudo, no conjunto das narrativas destes empreendimentos, fica evidente que as casas de sonhos passam por um discurso elitista.

Numa análise das grandes metáforas, verifica-se que há uma construção diferenciada de espaços residenciais simbólicos, capazes de corresponder a imaginários muito diversos, tentado oferecer a natureza na cidade e a cidade na natureza, que as formas actuais de viver actuais exigem determinadas funcionalidades urbanas de proximidade e de fluidez, que as memórias, as afectividades e a segurança são valorizadas pelos compradores, que os espaços público e privado se encontram em reconfiguração e que a qualidade de vida e bem-estar fazem parte da consciência colectiva, traduzindo estilos de vida, gostos, modas e dinâmicas da sociedade actual

Do lado dos moradores

A construção simbólica de espaços residenciais tem no centro os moradores, através de práticas quotidianas de rotinas e do que é menos habitual, de percepções que correspondem a legibilidades que estão na base de mapas mentais e de significações. A percepção destes espaços é feita com apropriações mais ou menos fortes sustentadas em territórios afectivos, considerando lógicas individuais e colectivas, reflectindo a multiplicidade do Ser e do Estar das pessoas.

Para analisar a construção simbólica de espaços residenciais feita por moradores, foram seleccionadas vinte entradas na *internet*, umas a partir de busca no *Google*, outras com base em hiperligações de outros *sites*, mas considerando somente páginas de Portugal. A primeira entrada no *Google* foi “associações de moradores”, rejeitando-se todos os *sites* que não se relacionassem com espaços residenciais, com a apropriação destes espaços ou com moradores.

As páginas analisadas, muitas sob a forma de *blog*, são muito diversas na forma e no conteúdo. Apresentam narrativas pessoais e colectivas, mais temáticas ou “generalistas”, reflectindo opções, gostos, anseios e

preocupações, muito centradas nas questões do condomínio, da rua, do bairro ou da cidade. Revelam forte sentido de comunidade e capacidade de organização, muitas vezes formalizada através da constituição de associações, obrigando estes moradores a uma participação regular em reuniões, preparação de actividades, recolha de informação ou actualização do *blog*.

Os casos estudados mostram forte dinamismo nas áreas do desporto, do social, do cultural e do urbanismo. Os casos que mais apaixonam discussões têm exactamente a ver com este último, seja porque uma reunião com o vereador da câmara municipal para resolver questões de estacionamento no bairro ficou mais empolgada, seja porque há uma passadeira junto à escola que não foi pintada e gera percepções de elevado risco, seja a ausência de limpeza do jardim junto ao empreendimento habitacional.

Os casos estudados mostram que é justamente a construção simbólica destes espaços que parece constituir uma das principais “forças vitais” dos grupos e de cada um, territórios apropriados, espaços vividos que são o prolongamento da “sua casa”, usando expressões como “a nossa rua”, “o nosso bairro”, “a cidade é nossa”.

Estes movimentos mostram a mobilização dos cidadãos para questões urbanas a partir das suas vivências, conduzindo à reflexão sobre a governança da cidade inspirada em princípios democráticos e qual o sentido de comunidade num quadro de partilha de responsabilidades, introduzindo as sinergias locais no processo de gestão e ordenamento do território, passando necessariamente por soluções criativas que contemplem os movimentos cívicos, aproximando o “poder da rua” da administração pública.

A título de exemplo da importância participativa das populações, registamos os 228 projectos que a Câmara Municipal de Lisboa recebeu para o Orçamento Participativo de 2012, saindo vencedor “Há vida na Mouraria”, proposta conjunta de associações, juntas de freguesia, entre outros, com o objectivo de valorizar o bem-estar e a coesão social do território. Para alcançar esse objectivo, os dinamizadores do projecto comprometem-se a considerar, “iniciativas promotoras da identidade cultural da Mouraria, de maior fruição do espaço público, de melhor acesso à saúde, qualificação e emprego por parte dos seus habitantes” (www.lisboaparticipa.pt). Deste Orçamento Participativo pode ler-se:

“Há Vida na Mouraria” foi o projecto mais votado do OP [Orçamento Participativo] deste ano, com 1779 votos, num investimento de 1 milhão de euros. Em segundo lugar ficou a qualificação da zona da Alameda da Cidade Universitária, com 1672 votos e um orçamento de oitocentos mil euros, seguido da construção de um parque de estacionamento na freguesia de Benfica, que recolheu 1568 votos e irá custar um milhão de euros. A parcela da verba do Orçamento Participativo a aprovar directamente pelos cidadãos em regime de co-decisão para o ano de 2012 é de 5 milhões de euros.

[...] A co-decisão é a partilha da decisão entre o executivo e os cidadãos: são os cidadãos que decidem directamente quais os projectos a incluir na proposta de Orçamento e Plano de Actividades da Câmara Municipal de Lisboa, até ao limite da parcela definida para o Orçamento Participativo.

O executivo compromete-se a integrar esses projectos na proposta de Orçamento Municipal que submeterá à aprovação da Câmara Municipal e da Assembleia Municipal (www.lisboaparticipa.pt).

Uma das narrativas dominantes das categorias dos casos estudados passa pela visibilidade dos organizadores das páginas, pela informação disponibilizada referente ao funcionamento da associação e pela afirmação da missão da associação. Vejamos um exemplo:

A Associação de Moradores [...] tem como missão defender e promover a urbanização [...] e preservar a qualidade de vida dos seus moradores, quer lutando pela manutenção dos espaços verdes, pela oposição à destruição dos mesmos, assim como do conjunto urbanístico e ainda pela gestão de problemas que surjam e afectem os moradores. Para o efeito a [...] irá intervir junto das entidades competentes, designadamente da CMO, da JFO [...].

As actividades divergem de acordo com os interesses locais e do momento, mas há denominadores comuns à grande maioria dos casos, nomeadamente, em relação a reuniões de trabalho das associações, como mostra a convocatória que se segue:

Reunião Direcção aberta aos moradores

De acordo com a periodicidade regular na próxima 3ªfeira (21 de Junho) irá decorrer a reunião de Direcção aberta a todos os moradores. O ponto de encontro será no [...] (caramanchão) pelas 20:15. Consoante o número de pessoas definiremos local de reunião.

Ordem de trabalhos:

- Informações*
- Balanço Dia do vizinho e PUCL*
- Estacionamento*
- Outros assuntos*
- Aprovação de actas*

Visite-nos.

Outras actividades passam pela promoção de convívios, de sessões de esclarecimento e de debates, proporcionando momentos de partilha e de reflexão conjunta. Vejamos a programação de um dia de uma associação de moradores que apresenta aspectos diversos, passando pela informação e consulta de um plano de urbanização local:

10h30 Cantigas infantis (por Manel)

11h00 Estórias e estorietas (contos infantis), por Lua Cheia teatro para todos

11h45 Acção de sensibilização ambiental, por Paula Velasquez

13h00 Informação e consulta sobre o Plano de Urbanização Carnide Luz, por A.M.Q.L.

14h00 Exposição de artesanato local, Manel e vizinhança

14h30 Cantigas dos anos 60, 70, 80, 90 E DO TEMPO QUE PASSA, por Manel

15h30 Fados, por Lau de Matos

16h00 Poemas, por Ukystravaganza e por Arnaut (poetisas).

A preocupação com os espaços verdes da rua ou do bairro é outra das narrativas presentes que demonstra a apropriação que os moradores fazem dos seus territórios e a sensibilização para o arranjo do espaço público, com base na consciência do valor paisagístico e da necessidade de preservação destes espaços:

A AMNO alertou por diversas vezes os serviços municipais competentes para o estado de total abandono em que se encontram os espaços verdes do Bairro. Esta situação verifica-se quer a nível da manutenção dos referidos espaços, quer da ausência total de recolha do lixo acumulado durante todo o Verão.

A situação é alarmante, com espécies vegetais já irrecuperáveis. Não pode deixar de se estranhar este facto, pela razão acrescida de se tratar de um espaço que foi considerado como projecto-piloto de "Bairro XXI" e por se tratar de um património de reconhecido valor paisagístico no concelho.

A AMNO, juntamente com o GALNOV, fez um levantamento fotográfico das várias situações que enviou à CMO/DEV (Divisão de Espaços Verdes). Até à data não houve desenvolvimentos, não houve resposta, nem sequer foi dada uma satisfação plausível. O levantamento e documentos enviados podem ser consultados aqui no nosso site.

A consciência do espaço vivido da rua e do bairro tem dado origem a muitos movimentos de cidadãos, uns mais estruturados que outros. Alguns, como os que estão na origem do projecto "Há vida na Mouraria", encontram-se muito organizados, reunindo condições para concorrerem a projectos nacionais e internacionais. Para mostrar a forte consciência de bairro como resultado das vivências e como agentes produtores de espaços residenciais, o exemplo que se segue corresponde a um projecto que preenche o imaginário e as expectativas dos seus habitantes. Designado "Dou vida ao bairro", é uma síntese da sua construção simbólica:

Com este projecto, a [...] pretende envolver moradores da Alta de Lisboa na valorização ambiental, qualificação de espaços verdes e áreas urbanas, estimulando o sentido de responsabilidade e de pertença do espaço público à comunidade. Todos os intervenientes deverão ter um papel activo tanto na planificação como na dinamização das acções planeadas, privilegiando-se a partilha de conhecimentos e convívio entre os mesmos.

Objectivos: *Criar sentido de pertença ao bairro e aumentar a sua coesão social [...]; Promover a participação dos moradores em projectos em prol da comunidade.*

[...] Acções: *[...] Produção de hortas portáteis/floreiras com espécies alimentares, aromáticas, decorativas e/ou utilitárias para colocação em espaços públicos e varandas/janelas de moradores.*

[...] Algumas das actividades desenvolvidas: *[...] "O meu Bairro é a minha cara".*

Outra narrativa frequente é a iniciativa que os moradores tomam no sentido de garantirem o funcionamento de determinados serviços de proximidade ou de resolução rápida de problemas que se colocam no dia-a-dia, ou de se pretender alterações de hábitos que possam contribuir para uma vida no bairro ou na cidade mais saudável e com maior qualidade de vida. As reivindicações podem passar pela manutenção de uma loja dos CTT, pela preocupação com o desaparecimento de comércio de proximidade ou por se querer que, a partir de um passeio mensal de bicicletas, a mobilidade passe a privilegiar este meio de transporte, pretendendo-se a implementação de ciclovias:

Passeio mensal de bicicleta

Realiza-se no próximo domingo, 29 de Janeiro, o habitual passeio de bicicleta na (e da) Alta de Lisboa. O ponto de encontro é na Rua Adriana de Vecchi, junto à Rua Helena Vaz da Silva, às 10h.

Estes movimentos cívicos resultam de uma interpretação da realidade a que pertencem. As suas identidades, os seus imaginários, as percepções dos seus espaços residenciais levam os seus associados e impulsionadores

dessas iniciativas a fazerem uma apropriação dos seus territórios de acordo com modelos sociais e culturais. As narrativas reproduzem discursos dominantes, seja do ambiente, da cultura ou de outras esferas.

No que diz respeito à apropriação do território pelos moradores, se os discursos ambientalistas se encontram relativamente alinhados, o mesmo já não acontece com os modelos culturais, coexistindo dois modelos dominantes: um, no sentido defendido por Bourdieu, em que há uma reprodução dos gostos e do poder simbólico das elites, outro, mais próximo de Certeau, com um discurso mais “comum” e menos elitista.

O “real”, o espaço percebido, concebido e vivido destes moradores, mostra que os símbolos da vida urbana estão povoados de imaginários que só uma análise atenta nos dará a compreender as respectivas leituras da cidade complexa.

CONCLUSÃO

O espaço, em si, é vazio, destituído de sentido. As “coisas” só adquirem importância quando são percebidas e transformadas em espaço vivido. A percepção do espaço urbano é um mecanismo necessário à construção do lugar, no sentido que Augé lhe atribui, traduzindo-se por narrativas que lhe conferem consciência, uma vez que a consciência da realidade é dada por essas mesmas narrativas. Desta forma, o espaço é entendido na sua dimensão dialéctica, enquanto espaço percebido, concebido e vivido [25-40], em oposição à concepção do espaço geométrico dos modernistas.

Desde Saussure que a palavra passou a merecer renovadas atenções, sendo hoje dominante o paradigma de que vivemos num mundo de narrativas, não existindo nada fora da palavra porque é a expressão do mundo. As narrativas apresentadas na produção e uso de espaços residenciais mostram que, a partir delas, é possível fazer-se análise social, tendo em conta a informação mais objectiva, mas também a metalinguagem associada, ou seja, as conotações ou sentidos polissémicos. No presente estudo, vimos que as “casas de sonhos” são indissociáveis dos imaginários, mais ou menos afirmados ou emergentes, da sociedade actual, com recurso a linguagens metafóricas que encerram significações e simbolismos.

Nessa construção, participa a mudança de um imóvel residencial em “casa”, noção que de alguma forma se associa à transformação de loteamento em comunidade de vizinhança, não tendo somente em conta as residências e os moradores mas também o comércio e serviços de proximidade, ajustados a “novas” formas de vivencialidade residencial, assim como o restante território envolvente, transformando-o em espaço concebido, percebido e vivido.

A transmutação do espaço receptor de construções em espaço de vivência faz-se a partir de percepções e representações simbólicas que os sujeitos constroem na sua apropriação do território. Estas construções simbólicas baseiam-se em modelos culturais e sociais que se reflectem na noção que cada um, ou cada grupo, tem sobre os imóveis em construção, sendo aqui que se compreende o surgimento de novas perspectivas sobre a noção de bem imobiliário, não como uma “coisa”, mas como um signo associado a metáforas multidimensionais, variáveis com o sujeito. Nesta construção simbólica participam forças que influenciam o sujeito, nomeadamente modelos propostos pela oferta, que se servem da publicidade e do *marketing* para alcançar o consumidor, construindo narrativas que reflectem a satisfação de desejos dos compradores, com promessas de felicidade. Essas narrativas são exploradas por técnicas sofisticadas, com recursos variados, desde as imagens (fotos, vídeos), textos de sonho, até à própria simulação de vivências, seja pela visita a andares modelo ou outras situações que fazem mergulhar o comprador na fantasia da realidade (ou será a realidade da fantasia?).

A construção/imóvel, sujeita a uma valorização que lhe dá o sentido de “casa” integrada num conjunto social, secundariza a ideia de loteamento e de condomínio perante o conceito actual de bairro e de comunidade. Para além da “sua casa”, na perspectiva da oferta, ou a “nossa casa”, do lado dos consumidores, surgem a “nossa rua”, o “nosso bairro”, afirmando o contrário de outra grande metáfora da actualidade, o individualismo.

O sentido comunitário é reforçado pelo associativismo dos moradores e pela consciência de participação nas decisões que digam respeito às construções simbólicas do seu espaço vivido, nomeadamente na relação com a administração pública. A gestão dos espaços, públicos ou privados, a consulta de planos urbanísticos ou os interesses do bairro fazem parte do diálogo entre o poder público e estes movimentos de cidadania participativa.

A complexidade identifica a cidade, que também é a metáfora da “casa” onde vivemos. Contudo, os conceitos podem assumir-se ambivalentes no domínio das percepções. Por um lado, determinados espaços residenciais actuais afirmam narrativas que se identificam com hiper-realidades e que parecem ser um modelo em expansão, associado a fenómenos de “desrotinização” do espaço quotidiano, percebidos como elementos indutores de felicidade e construtores da paisagem paraíso. Por outro lado, outras “realidades” mostram-se muito diferentes deste modelo.

As narrativas da oferta e da procura não podem ser lidas separadamente, uma vez que se reflectem mutuamente: as empresas oferecem casas de sonhos que partem de imaginários dos compradores e de soluções inovadoras e estes constroem sonhos tantas vezes sustentados na oferta do mercado e de outras referências múltiplas, uns e outros coexistindo em modelos multidimensionais, na procura de um equilíbrio aparentemente inalcançável.

A cidade complexa revela-se neste conflito, na coexistência de realidades que aparentemente nem sempre se ajustam. Mas a cidade e os espaços residenciais são isso mesmo, uma diversidade de narrativas que se explicita numa lógica de se construir sem nunca estar construída, sabendo-se, contudo, que só pode ser melhor planeada se for compreendida a sua dimensão simbólica.

BIBLIOGRAFIA

1. Augé, M., *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 90 Graus Editora, Lisboa, (2005).
2. Bailly, A. et al., *Introduction à la géographie humaine*. Masson, Paris, (1982).
3. Bailly, A. et al., *Viagem à geografia*. João Azevedo Editor, Mirandela, (2009).
4. Barracho, C., *Psicologia social: ambiente e espaço*. Instituto Piaget, Lisboa, 2001.
5. Baudrillard, J., *Simulacros e simulação*. Relógio d'Água, Santa Maria da Feira, (1991).
6. Bourdieu, P., *A distinção*. Crítica social do julgamento. Editora Zouk, S. Paulo (2006).
7. Bourdieu, P., *O poder simbólico*. Edições 70. Lisboa, (2011).
8. Cacciari, M., *A cidade*, Gustavo Gili, Barcelona, (2009)
9. Caetano, A. *Formação de impressões*, Psicologia social, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp.89-124, (2010).
10. Capel, H., *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea: una introducción à la geografía*. Barcanova, Barcelona, (1981).
11. Certeau, M., *L'invention du quotidien: 1. arts de faire*. Éditions Gallimard, Paris, (1990).
12. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto Editora, Porto, (2010).
13. Eco, H., *Viagem na irrealidade quotidiana*. Difel, Lisboa, (1986).
14. Eliade, M., *Tratado de História das religiões*. Edições Asa, Porto, (1992).
15. Elias, N., *Teoria simbólica*. Celta Editora, Oeiras, (2002).
16. Entrikin, J., *Contemporary humanism in geography*. Annals of the Association of American Geographers, Vol. 66, Nº 4, pp. 615-632, (1976).
17. Frémont, A., *A região, espaço vivido*. Livraria Almedina, Coimbra, (1980).
18. Guerra, I., *As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas*. Sociedade e Território, nº 20, pp.11-16, (1994).
19. Harvey, D., *The condition of Postmodernity*. Blackwell Publishers, Oxford, (1992).
20. Holston, J., *The modernist city: an anthropological critique of Brasília*. The University of Chicago Press, London, (1989).
21. Husserl, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Éditions Gallimard, Paris, (1976).
22. Jacobs, A., *The good city: reflections and imaginations*. Routledge, London, (2011).
23. Kuhn, T., *The structure of scientific revolutions*. The University of Chicago Press, London, (1996).
24. Le Corbusier, *La charte d'Athènes*. Éditions de Minuit, Paris, (1957).
25. Lefebvre, H., *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Alianza, Madrid, (1984).
26. Lévi-Strauss, C., *Anthropologie structurale*. Plon, Paris, (1974).
27. Lynch, K., *A imagem da cidade*. Edições 70, Porto, 1982.
28. Marques, T., *Portugal na transição do século: retratos e dinâmicas territoriais*. Edições Afrontamento, Porto, (2004).
29. Merleau-Ponty, M., *Phénoménologie de la perception*. Gallimard, Paris, (1945).
30. Nora, P., *Les lieux de mémoire*. Éditions Gallimard, Paris, (1984).
31. Pereira, S., *Casa e mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*. Dissertação de doutoramento. ISCTE, Lisboa, (2010).
32. Priest, S. *Merleau-Ponty*. Routledge, London, (2003).
33. Reid, T., *From Essays on the intellectual powers of man*. In Perception, Robert Schwartz (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, (2004).
34. Ricoeur, P. *Temps et récit*. Éditions du Seuil, Paris, (1991).
35. Ricoeur, P., *La métaphore vive*. Éditions du Seuil, Paris, (1997).
36. Rookes, P., et al. *Perception: theory, development and organisation*. Routledge: London, (2005).
37. Sampaio, J., *Residir na paisagem paraíso, VIII Congresso da Geografia Portuguesa*, Lisboa, (2011).
38. Santos, S., *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Edições Afrontamento, Porto (1993).
39. Saussure, F., *Curso de Língua Geral*. Publicações Dom Quixote: Lisboa (1999).

40. Soja, E., *Thirdspace. Journey to Los Angeles and other real-and-imagined places*. Blackwell Publishers, Malden, (1996).
41. Villanova, R. et al., *Casas de sonhos*. Salamandra, Lisboa, (1995).
42. Tuan, Y., *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values*. Columbia University Press, New York, (1990).
43. Tuan, Y., *Space and place: the perspective of experience*. University of Minnesota Press, London, (2001).
44. Zukin, S., *The cultures of cities*. Blackwell Publishers, Malden, (2006).